O COMPORTAMENTO ANTIRRACISTA NA EDUCAÇÃO

BRUNA SOARES DOS SANTOS TRIGUEIRO

RESUMO
Este artigo discute o papel da cultura afro-brasileira na educação, enfatizando a importância de valorizar as contribuições históricas e culturais dos afrodescendentes para a construção da identidade brasileira. O currículo escolar deve reconhecer e incorporar o patrimônio rico e diverso da cultura afro-brasileira, promovendo a inclusão e o respeito à diversidade. O objetivo do desenvolvimento do tema é discutir como a cultura afro-brasileira pode ser incorporada na educação por meio da inclusão de conteúdo e da promoção de atividades que resgatem a história, a religiosidade, a música, a dança e o artesanato afro-brasileiros. Por fim, são apresentadas considerações finais que reforçam a importância de incluir a cultura afro-brasileira na educação como forma de combater o preconceito, promover a igualdade racial e construir uma sociedade mais justa e inclusiva.

Palavras-Chave: Racismo Estrutural; Cultura Afro-brasileira; Educação.

INTRODUÇÃO

A gestão escolar participativa tem mostrado que melhora o desempenho acadêmico dos alunos e sua motivação, autoestima e participação como cidadãos. Esse modelo tende a aumentar as taxas de sucesso escolar, a taxa de evasão e abandono e a taxa de satisfação da comunidade escolar. Isso mostra um ambiente mais saudável e sustentável, onde o aprendizado é visto como uma jornada coletiva e contínua que prepara as pessoas para uma vida plena e ética em sociedade.

Em resumo, a gestão escolar participativa representa uma poderosa ferramenta para reinventar a educação no século XXI. Ao envolver todos os atores da comunidade escolar em um processo de construção conjunta, promovemos uma educação mais justa, inclusiva e relevante para os desafios contemporâneos. É, portanto, um caminho promissor para construir escolas mais humanas e preparadas, no intuito de formar cidadãos críticos e comprometidos com a transformação social.

A cultura afro-brasileira é parte fundamental da história do Brasil e sua presença é marcante em aspectos como a religiosidade, a música, a dança, a culinária e o artesanato. No entanto, por muito tempo, essas contribuições foram negligenciadas e marginalizadas, gerando uma invisibilidade cultural que afetou a autoestima e a construção da identidade dos afrodescendentes no país. Nesse contexto, a educação tem um papel fundamental ao reconhecer e valorizar a cultura afro-brasileira como patrimônio e riqueza do povo brasileiro.

Este trabalho tem como objetivo discutir a importância da cultura afro-brasileira na educação, procurando apresentar formas de integrá-la no ambiente escolar de modo a promover o conhecimento, o respeito à diversidade e o combate ao preconceito racial.

Chamamos de cultura um conjunto de características que se absorve com o meio, informações e comportamentos adquiridos entre as pessoas que compõem uma sociedade.

O conjunto complexo dos códigos e padrões que regulam a ação humana individual e coletiva, tal como se desenvolvem em uma sociedade ou grupo específico e que se manifestam em "...praticamente todos os aspectos da vida: modos de sobrevivência, normas de comportamento, crenças, instituições, valores espirituais, criações materiais, etc" (AURÉLIO, 2004).

A cultura por sua vez não é algo inerte, ela se transforma de acordo com as novas aquisições dos indivíduos, quando o ser humano se apropria de um novo conhecimento, ele também muda a estrutura cultural e por vezes esse novo comportamento afeta o dos que estão a sua volta.

Cultura é uma palavra que em latim significa cultivar e ela interfere de forma muito direta no conhecimento e comportamento, por esse motivo ela influencia todo o regimento de uma sociedade, podemos observar isso ao analisar como cada país se comporta e

ainda dentro desse país cada cidade ou estado tem comportamentos distintos.
Partindo do pressuposto que todos somos iguais, e temos pensamentos críticos e Liberdade, toda população, deve ter um olhar atento não somente aos estrangeiros e sim a toda População, nosso país, os que vieram de fora. E os aspectos culturais diferenciados aos alunos como podemos nos valorizar e valorizar o outro, E fazer com que eles tenham confiança no sentido da própria identidade.
A identidade é formada do que sei, do que sou, e a multiculturalidade é onde existem várias culturas de e forma explícita e implícita, diferente da interculturalidade que faz com que as culturas se conversem, e nos permite expor sem medo de sofrer preconceito Valoriza de igual para igual todas as manifestações culturais.
A gestão escolar participativa surge como uma resposta criativa e necessária aos inúmeros desafios que enfrentamos na educação contemporânea. Vivemos em uma era marcada por rápidas transformações tecnológicas, sociais e culturais, nas quais o modelo tradicional de ensino, centrado na figura do professor como o único detentor do conhecimento, já não atende às demandas e expectativas de uma sociedade globalizada e profundamente conectada. É nesse cenário que a gestão escolar participativa se destaca, propondo uma abordagem inclusiva, colaborativa e democrática para a administração das instituições de ensino.
No coração da gestão escolar participativa está a convicção de que a educação deve ser um processo co-construído por todos os membros da comunidade escolar: professores, alunos, pais, funcionários administrativos e a comunidade externa. Esse modelo de gestão rompe com a hierarquia rígida e autoritária, promovendo um ambiente em que todos os atores se sintam valorizados e responsáveis pelo sucesso educativo. A participação ativa de diferentes vozes e perspectivas permite uma gestão mais transparente, justa e eficaz, respondendo de maneira mais precisa às necessidades e desejos de seus integrantes.
Para reinventar a educação através da gestão escolar participativa, é essencial que a liderança escolar adote posturas e práticas que favoreçam o diálogo aberto e a tomada de decisão coletiva. Isso implica na criação de espaços e mecanismos institucionais que incentivem a participação, como assembleias, conselhos escolares, comitês e fóruns de discussão. Além disso, é crucial fomentar uma cultura organizacional baseada na confiança, no respeito mútuo e na valorização da diversidade, onde ideias inovadoras possam emergir e serem testadas sem o medo do erro ou da punição.
A implementação da gestão escolar participativa também demanda um investimento significativo na capacitação dos profissionais de educação, tanto em termos acadêmicos quanto emocionais. Precisamos de líderes educacionais que sejam não apenas gerentes eficientes, mas também facilitadores e mediadores de conflitos, capazes de inspirar e mobilizar os demais membros da comunidade escolar. A formação contínua de professores, gestores e demais funcionários é fundamental para desenvolver competências socioemocionais, habilidades de comunicação e técnicas de resolução de problemas que são essenciais para um ambiente participativo.
Além dos aspectos internos à escola, a gestão escolar participativa reconhece a importância das parcerias externas com a comunidade local, organizações não governamentais, empresas e instituições de ensino superior. Essas colaborações ampliam os recursos disponíveis para a escola, sejam eles materiais, humanos ou financeiros, e enriquecem o contexto educacional com diferentes saberes e experiências. Projetos comunitários, atividades extracurriculares e programas de voluntariado são algumas das várias iniciativas que podem surgir desse trabalho conjunto, proporcionando aos alunos uma formação mais integral e conectada com a realidade social.
Reinventar a educação por meio da gestão escolar participativa também passa por uma profunda reflexão sobre as metodologias de ensino e aprendizagem. A ênfase aqui deve ser na construção de um currículo flexível, pertinente e interdisciplinar, que considere os interesses e as vivências dos estudantes. Estratégias pedagógicas como a aprendiza-

gem baseada em projetos, estudos de caso, ensino híbrido e uso de tecnologias digitais são apenas algumas das ferramentas que podem ser utilizadas para tornar o processo educativo mais dinâmico, interativo e significativo.

A CULTURA AFRO-BRASILEIRA NA EDUCAÇÃO

"O negro no Brasil não nasce negro, ele se torna negro." (Nilma Lino Gomes)

De acordo com Freire: "...A multiculturalidade não se constitui na justaposição de culturas, muito menos no poder exacerbado de uma sobre as outras, mas na liberdade conquistada, no direito assegurado de mover-se cada cultura no respeito uma da outra, correndo risco livremente de ser diferente, sem medo de ser diferente, de ser cada um "para si", somente como se faz possível crescerem juntas e não na experiência da tensão permanente, provocada pelo todo poderosíssimo de uma sobre as demais, proibidas de ser..." (FREIRE apud BENTO, 2011, p. 156).

Todos os estudantes, não apenas os afrodescendentes, precisam da inclusão da cultura afro-brasileira na educação. Afinal, os alunos devem aprender sobre a diversidade do Brasil desde cedo, pois é uma nação multicultural e multiétnica. Ao incluir a cultura afro-brasileira nas escolas, estamos criando uma sociedade mais inclusiva e consciente de sua própria história.

Segundo Bento (2011), na fase da Educação Infantil, a criança inicia o conhecimento sobre as particularidades de seu corpo, identificando diferenças e semelhanças com os colegas de sala. Neste momento, as escolhas e relacionamentos estruturam-se, com meninos e meninas determinando as preferências pelas brincadeiras e brinquedos, parcerias e grupos, cabendo ao docente um trabalho intenso acerca das diferenças, tratando o pertencimento das crianças, além de abordar questões raciais, sociais, familiares, apontando as diversidades das comunidades (BENTO, 2011).

No entanto, ainda existem desafios para a implementação efetiva da educação afro-brasileira. A formação adequada dos professores e a disponibilidade de materiais didáticos são essenciais para garantir que a cultura afro-brasileira seja abordada de forma correta e respeitosa. Além disso, é importante que essa inclusão não se limite apenas a datas comemorativas, mas seja incorporada ao currículo regular, de forma transversal e interdisciplinar.

De acordo com Trinidad (2011, p.443): "existem diversas maneiras de abordar a cultura afrobrasileira na Educação Infantil, como na música, dança, jogos, leitura, entre outras situações de aprendizagem". No caso da leitura de histórias infantis, a abordagem pode oferecer às crianças a percepção da linguagem e das imagens, por meio de livros que tratam a temática afro-brasileira, evitando a negação da criança devido às situações que ridicularizam e criam estereótipos pejorativos aos negros. Uma situação de aprendizagem interessante é abordagem de histórias de personagens negros em momentos de protagonismo, evidenciando a cultura negra em aspectos fundamentais para a aprendizagem (MUNANGA, 2009).

Em suma, a cultura afro-brasileira desempenha um papel fundamental na educação brasileira, contribuindo para a formação da identidade e da consciência histórica dos estudantes. Promover a valorização e a inclusão da cultura afro-brasileira é essencial para combater o racismo e a discriminação racial, além de promover o respeito pela diversidade racial e cultural. A educação afro-brasileira é um caminho importante para a construção de uma sociedade mais justa e igualitária.

A cultura Afro-brasileira tem uma forte presença na educação brasileira, mas nem sempre foi assim. Por muitos anos, a cultura afro-brasileira foi marginalizada e foi ensinada nas escolas de forma superficial e estereotipada. No entanto, nas últimas décadas, tem havido um esforço para valorizar e incorporar a cultura afro-brasileira na educação de forma mais abrangente e significativa.

É assustador que mesmo com todas essas contribuições culturais para o Brasil, os negros ainda sofram com o racismo. Como todos sabemos, há apresentações artísticas por toda a África, e criatividade não falta a essas pessoas, além de uma enorme diversidade de culturas e classes sociais. (BARROS, 20., s/p).

A diversidade deve estar presente em todas as esferas da escola. É necessário que haja uma representatividade positiva de todas as etnias nos materiais didáticos, nos espaços de convivência e nos eventos promovidos pela instituição. A valorização da cultura afro-brasileira, indígena e de outras culturas étnicas deve ser uma prática constante, para que os alunos se sintam representados e valorizados em sua identidade.

A criação de políticas de inclusão, como cotas para alunos negros e indígenas em universidades, também é um importante instrumento de combate ao racismo na educação. Essas ações afirmativas têm o objetivo de garantir o acesso de grupos historicamente excluídos ao ensino superior, promovendo a igualdade de oportunidades e a reparação histórica.

Além disso, é necessário combater a discriminação racial dentro da própria sala de aula. Os educadores devem estar atentos a atitudes racistas entre os alunos e intervir de forma educativa, promovendo o diálogo e o respeito mútuo. A conscientização sobre o impacto do racismo na vida das pessoas e na sociedade como um todo pode contribuir para que os alunos compreendam a importância de respeitar as diferenças e não reproduzir preconceitos.

O combate ao racismo na educação é um processo contínuo e complexo, que exige a mudança de estruturas e mentalidades enraizadas ao longo de séculos. É um desafio que precisa ser enfrentado por toda a sociedade, para que possamos construir um país mais justo, igualitário e inclusivo. A escola tem um papel fundamental nesse processo, como espaço privilegiado de formação e transformação social.

Portanto, a luta contra o racismo na educação requer o engajamento de todos os atores envolvidos no processo educativo, desde os gestores até os alunos. É preciso promover a conscientização, a valorização da diversidade e a inclusão, para que a escola se torne um espaço acolhedor, livre de discriminações e de preconceitos. Só assim poderemos contribuir para a construção de uma sociedade mais justa, igualitária e respeitosa com todas as pessoas, independentemente de sua cor de pele, origem étnica ou religião.

O combate ao racismo na educação é uma questão fundamental para promover a igualdade de oportunidades e construir uma sociedade mais justa e inclusiva. A educação desempenha um papel crucial na formação das mentalidades e comportamentos, e é essencial que a escola se torne um espaço de acolhimento, respeito e valorização da diversidade.

Deste modo, um ambiente multicultural proporciona a convivência em grupo sem preconceitos ou ações discriminatórias, renovando a ética respaldada no respeito às diferenças, cabendo à escola o ensino direcionado a privilegiar as diversas culturas, incentivando o desenvolvimento da autoestima das crianças, além de oportunizar o conhecimento da história e das múltiplas culturas do país, preparando a criança para a prática cidadã (FREIRE apud BENTO, 2011).

O racismo é uma forma de discriminação baseada na cor da pele, origem étnica, religião ou cultura. É uma problemática arraigada em nossa sociedade, resultado de séculos de opressão, exploração e desigualdade. Para superá-lo, é necessário um trabalho conjunto entre educadores, alunos, famílias e comunidade.

Infelizmente, o racismo ainda está presente em muitas instituições educacionais, seja de forma explícita ou velada. Estereótipos racistas, preconceitos e discriminações permeiam o ambiente escolar, gerando um clima de exclusão e desigualdade. Nesse sentido, o combate ao racismo na educação envolve a identificação e a desconstrução dessas atitudes discriminatórias, promovendo a igualdade de oportunidades e o respeito à diversidade.

Uma das formas de combater o racismo na educação é por meio da implementação de políticas públicas que promovam a diversidade e a equidade racial. É fundamental que os currículos escolares incluam conteúdos que abordem a história e a cultura afro-brasileira, indígena e de outros grupos étnicos, desmistificando estereótipos e valorizando as contribuições dessas comunidades para a construção da identidade nacional.

O trabalho com Pluralidade Cultural se dá a cada instante e exige que a escola alimente uma “Cultura da Paz”, com tolerância e res-

peito aos direitos humanos. O aprendizado não ocorrerá por discursos, e sim num cotidiano em que uns não sejam "mais diferentes" que do que outros (BRASIL, 1998).

Além disso, a formação dos educadores também é um ponto crucial no combate ao racismo. É necessário que os professores sejam capacitados para lidar com essa temática, compreendendo a importância da diversidade e desenvolvendo práticas pedagógicas que promovam a inclusão e o respeito às diferenças. A educação antirracista deve ser uma formação constante de todos os que atuam na área educacional.

Existem diversas maneiras de se enxergar o outro, de partilhar de experiências culturais distintas, de abranger universos fundamentados em afinidade e relações humanas de tolerância, consideração, afeto, solidariedade e cidadania no que diz respeito ao reconhecimento integral de que é necessário conquistar a igualdade por meio da garantia de poder ser diferente, de introduzir um discurso aberto, franco, sólido e sem estigmas, que comumente estão fundamentados em preconceitos definitivamente inflexíveis, ou conforme Candau (2008, p. 5):

É necessário garantir a igualdade a partir do reconhecimento da diferença e, consequentemente, do respeito a ela". Dessa maneira, as formas mais ocultas de desordem social e de rompimento com o que é considerado altamente humano, são tópicos que devem ser discutidos no contexto escolar, de maneira interdisciplinar, a fim de que a diversidade seja abordada como uma prática social (CANDAU, 2008, p. 5).

Outro aspecto importante é a promoção de espaços de diálogo e reflexão sobre o tema. É preciso criar momentos de discussão e sensibilização sobre o racismo, envolvendo toda a comunidade escolar. Palestras, debates, oficinas e outras atividades podem contribuir para conscientizar os alunos sobre a importância de combater o racismo e promover a igualdade.

Um dos principais pontos dessa valorização é o reconhecimento da contribuição dos afrodescendentes para a formação da identidade e da cultura brasileira. A cultura afro-brasileira é rica em história, tradições, religião, música, dança e gastronomia. Ao ensinar sobre esses aspectos, os estudantes afrodescendentes são capazes de conectar-se com suas raízes e ter uma maior compreensão de sua própria identidade cultural.

A inclusão da cultura afro-brasileira na educação também é importante para combater o racismo e a discriminação racial. Ao ensinar sobre a história dos afrodescendentes no Brasil, os estudantes são expostos às lutas e conquistas do povo negro, o que ajuda a desconstruir estereótipos racistas e preconceituosos. Além disso, ao aprender sobre a cultura afro-brasileira, todos os estudantes têm a oportunidade de desenvolver empatia e respeito pela diversidade racial e cultural do país.

Segundo Viana a mitologia, a religião e a arte representam um veículo sensível de cultura e transmissão de conteúdos como as necessidades latentes dos seres. Sendo assim, esses três campos de conhecimento não podem ser entendidos autonomamente, pois estão interligados e são definidos como um caráter de identificação e ancestralidade na expressão de virtudes individuais e coletivas (VIANA, 2008, p. 14).

Um aspecto fundamental da educação afro-brasileira é o ensino da história da escravidão e da resistência negra. A escravidão foi um período sombrio da história brasileira e teve um impacto profundo na formação da sociedade brasileira. Ensinar sobre a escravidão de forma honesta e crítica é essencial para que os estudantes possam compreender a luta dos afrodescendentes pela liberdade e pela igualdade.

Considerando o significado de cultura em seu sentido mais puro e sabendo que inclui nisso suas origens, seus costumes, crenças, criações artísticas, religião, entre outras coisas, ou seja, sabendo que todas as atividades realizadas de acordo com as regras, costumes e práticas de cada cultura.

O homem dá sentido às suas ações, sabe-se que suas ações são consideradas e não apenas motivadas por instintos, mas ele pode pensar na realidade em que vive e construir um sentido para sua existência, uma rica história significado; construindo assim seu mundo cultural. As pessoas criaram a cultura para dar sentido ao mundo em que vivem e a si mesmas, para que as pessoas existam

e deem sentido às suas vidas por meio da cultura. Considerando o significado de cultura em seu escopo, sabendo que inclui o vernáculo, seus costumes, crenças, criações artísticas, religião, entre outras coisas, ou seja, sabendo que todas as atividades realizadas no âmbito do Acordo de acordo com as regras, costumes e práticas de cada cultura (Duarte Júnior 1988, p. 58)

Além disso, a educação afro-brasileira também valoriza as contribuições dos afrodescendentes para as áreas da arte, literatura, ciência, política, entre outros. É importante mostrar aos estudantes que as conquistas dos afro-brasileiros não se limitam apenas à história da escravidão, mas que eles têm desempenhado um papel fundamental em todos os aspectos da sociedade brasileira.

O resgate de memória coletiva e da história da comunidade negra não interessa apenas aos alunos de ascendência negra. Conforme Munanga "...Interessa também aos alunos de outras ascendências étnicas, principalmente branca, pois ao receber uma educação envenenada pelos preconceitos, eles também tiveram suas estruturas psíquicas afetadas. Além disso, essa memória não pertence somente aos negros. Ela pertence a todos, tendo em vista que a cultura da qual nos alimentamos quotidianamente é fruto de todos os segmentos étnicos que, apesar das condições desiguais nas quais se desenvolvem, contribuíram cada um de seu modo na formação da riqueza econômica e social e da identidade nacional." (MUNANGA, 2005, p. 16)

Outro aspecto importante da cultura afro-brasileira na educação é o ensino de religiões afro-brasileiras, como o Candomblé e a Umbanda. Essas religiões têm uma profunda influência na cultura brasileira e devem ser compreendidas e respeitadas. Ensinar sobre as religiões afro-brasileiras também ajuda a desconstruir preconceitos e estereótipos religiosos, promovendo a tolerância e o respeito pela diversidade religiosa.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O racismo é uma realidade que há séculos vem assolando as sociedades ao redor do mundo, deixando profundas marcas de desigualdade, discriminação e exclusão. Na presente era, em busca de uma sociedade mais justa e igualitária, os professores têm o poder de contribuir para combater enraizados preconceitos raciais e promover a conscientização dentro e fora das salas de aula. Este texto visa oferecer um guia abrangente para professores sobre como abordar o tema do racismo, e refletir sobre a importância de sua participação nessa luta.

Neste capítulo, será discutida a natureza histórica do racismo, destacando suas diferentes formas, raízes e consequências. Também será abordado como o racismo se manifesta nas instituições sociais, como a educação, e como isso impacta a vida de indivíduos racializados.

Este capítulo explora a importância de os professores assumirem a responsabilidade de combater o racismo na sociedade. Serão discutidos os benefícios de uma educação antirracista, assim como os desafios e possíveis resistências encontradas ao longo do caminho. Serão destacados exemplos de educação inclusiva, de políticas educacionais e práticas pedagógicas que podem ser implementadas para minimizar a perpetuação de ideologias racistas.

Neste capítulo, serão apresentadas estratégias para criar um ambiente de sala de aula seguro, onde os alunos sintam-se à vontade para expressar suas experiências e perspectivas sobre o racismo e as opressões raciais. Será discutido como a escuta ativa e a validação dos relatos dos alunos podem fortalecer a autoestima e o empoderamento, além de criar empatia entre os estudantes.

Este capítulo enfoca a importância da educação infantil na prevenção do racismo. Serão apresentadas práticas pedagógicas eficazes para abordar a diversidade racial e étnica com as crianças, evitando a propagação de estereótipos e preconceitos. Serão discutidos jogos, atividades e literatura infantil que reforcem a valorização da diversidade racial.

A empatia é uma ferramenta poderosa no combate ao racismo. Neste capítulo, serão discutidas estratégias para promover o reconhecimento do outro e fomentar a empatia entre os alunos. Será abordado o papel dos professores como modelos de comportamento não racista.

Este capítulo explorará a importância de um

currículo antirracista que incorpore a cultura e as contribuições de diferentes grupos étnicos e raciais. Serão discutidas formas de adaptar o currículo de várias disciplinas para incluir diferentes perspectivas e narrativas, e melhorar a representatividade.

O combate ao racismo é um desafio contínuo, mas por meio do engajamento dos professores, é possível criar uma geração de estudantes conscientes e empáticos. Ao adotar uma postura antirracista, os professores estarão trabalhando em prol de uma sociedade mais justa e igualitária, onde a diversidade seja valorizada e as oportunidades sejam igualmente distribuídas.

REFERÊNCIAS

BEAUCLAIR, João. Psicopedagogia: trabalhando competências, criando habilidades. Coleção Olhar Psicopedagógico. Editora Wak, Rio de Janeiro,2004.

BRASIL, Ministério da Educação e Cultura. Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional. (LDBEN nº 9394/96). Brasília: MEC, 2017.

DEL BEN, Luciana. Educação musical escolar: uma investigação a partir das concepções e ações de três professoras de música. Revista da ABEM, Porto Alegre, 2002, p. 52-53.

GAGNARD, Madeleine. Iniciação musical dos jovens. Editorial Estampa: Lisboa, 1974, p. 17.

GODOI, Luís Rodrigo. A importância da música na educação infantil. Trabalho de conclusão de curso de Pedagogia da Universidade de Londrina, 2011, p. 18.

GORDON, Edwin. E. Teoria da Aprendizagem musical: competências, conteúdo e padrões. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2000, p. 03. I

LARI, Beatriz. A música e o cérebro: algumas implicações do neurodesenvolvimento para a educação musical. Revista da ABEM, Porto Alegre, v. 9, 7-16, set. 2003.

REFERÊNCIAS

CAVALLEIRO, Eliane. Do Silêncio do Lar ao Silêncio Escolar: Racismo, Preconceito e Discriminação na Educação Infantil. 4. Ed. São Paulo: Contexto, 2005.

FERMIANO, Maria Belintane. & SANTOS, Adriane Santarosa dos. Ensino de História para o Fundamental 1: Teoria e Prática. São Paulo: Contexto, 2014.

FONSECA, Selva Guimarães. Didática e Prática de Ensino de História: Experiências, Reflexões e Aprendizados. Campinas: Papirus, 2003.

FREYRE, Gilberto. Casa Grande & Senzala: Formação da Família Brasileira sob o Regime da Economia Patriarcal. 4. ed. São Paulo: Global, 2003.

GENNARI, Emilio. Um Breve Passeio pela História da Educação. Revista Espaço Acadêmico, Maringá, Nº 29, out., 2003.

MACÊDO, Jhennefer Alves. Do Esquecimento ao Protagonismo: as Princesas Negras na Literatura Juvenil. 86 f. Monografia (Graduação em Letras – Língua Portuguesa) – Universidade Federal da Paraíba- -Centro de Ciências Humanas, Letras e Artes, 2017. Paraíba: UFPB, 2017.

MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO. Secretaria de Educação Básica. Secretaria de Educação Continuada, Alfabetização, Diversidade e Inclusão. Secretaria de Educação Profissional e Tecnológica. Conselho Nacional de Educação. Câmara Nacional de Educação Básica. Diretrizes Curriculares Nacionais da Educação Básica. Brasília, DF: MEC/SEB/Dicei, 2013.

MUNANGA, Kabengele. Rediscutindo a Mestiçagem no Brasil: Identidade Nacional versus Identidade Negra. Petrópolis: Vozes, 1999.

RODRIGUES, Raimundo Nina. As Raças Humanas e a Responsabilidade Penal no Brasil [1894]. 2. Ed. Rio de Janeiro: Editora Guanabara, 1933.